

## Cidadania e exílio na obra “Consolação a minha mãe Hélvia” de Sêneca

---

---

Ana Teresa Marques Gonçalves

### Résumé

*Le but de ce travail est de réfléchir sur l'exil et son impact sur la vie d'un citoyen romain comme Sénèque, qui professait les principes du Stoïcisme. Cette réflexion aura comme base son oeuvre Consolatio ad Helviam Matrem.*

No ano 41 de nossa era, Sêneca foi acusado por Messalina de ter seduzido a irmã de Calígula, Júlia Livila. Como punição pelo crime cometido, ele foi exilado na ilha de Córsega. Ficou desterrado por oito anos, até que Agripina convenceu o imperador Cláudio a perdoá-lo e a lhe confiar a educação de Nero. Durante seu exílio, Sêneca produziu inúmeras obras, entre elas a “Consolação a minha mãe Hélvia”, obra na qual busca confortar sua mãe, entristecida pela sua ausência forçada. No intuito de diminuir a dor materna, Sêneca busca argumentação nos princípios estoícos, os quais estavam presentes na produção intelectual em Roma ao longo do primeiro século d.C.

O objetivo deste trabalho é exatamente analisar como Sêneca encarou o seu afastamento dos negócios públicos romanos, a partir de seu ponto de vista estoíco. A pena de exílio obrigava o cidadão a abandonar o centro do poder, perdendo temporariamente seus iura publica, isto é, os direitos políticos garantidos pela posse da cidadania romana. O exilado tornava-se, assim, possuidor de uma cidadania incompleta, pois perdia a possibilidade de ocupar funções públicas e de interferir nos destinos do Império, mesmo que de forma indireta, participando da política de antecâmara, que marcava o dia-a-dia do Palácio imperial. Afastado da corte, Sêneca não participou mais das decisões tomadas pelo imperador Cláudio.

Para um homem que havia sido Questor e Cônsul, buscando como bom estoíco ser útil à sua comunidade (Puente Ojea, 1974, p.155), pois para estes a vida política e social era um terreno propício ao espalhamento

da virtude (Aubenque; André, 1964, p.24), ter seus direitos políticos abolidos seria motivo para uma grande dor pessoal. Contudo, é nos mesmos princípios estoicos que Sêneca encontrou alento para si e para os seus entes queridos. Sobre esta questão, Sêneca comenta:

“Nunca me entreguei à sorte, mesmo quando parecia que estivesse em paz comigo; todos os favores dos quais muito generosamente me cercava (riquezas, cargos, prestígio), coloquei-os em tal lugar de onde pudessem retomá-los sem me aborrecer. Deixei sempre grande distância entre mim e eles: tirou-me os favores, portanto, não mos arrancou. (...) Os homens que se agarram a seus presentes como a coisas das quais temos perpétua propriedade e que por eles querem ser invejados pelos outros, jazem prostrados e aflitos, quando os deleites falsos e fugazes abandonam sua alma vã e pueril, que ignora qualquer prazer real; mas quem na prosperidade não se orgulhou, não se abala se as coisas mudam”. (Sêneca, V).

Segundo os estoicos, o homem sábio deveria basear suas ações e sentimentos numa confiança absoluta na providência divina e no reconhecimento da inelutabilidade do destino (Guarinello, 1996, p. 54). Num mundo marcado pela ação da Fortuna, os princípios filosóficos ensinavam a viver, lutando contra as dores e as paixões devastadoras (Aubenque; André, 1964, p.37). A verdadeira sabedoria e o bem viver eram vistos como fruto da limitação do desejo, das ambições, e do se saber lidar com a frustração.

Sêneca já se dizia preparado para os lances do *Fatum*, visto que em sua opinião a desventura só é grave para aqueles a quem chega inesperadamente; pois facilmente a suporta quem sempre a espera (Sêneca, V). Ele havia se utilizado, desta forma, da *praemeditatio malorum futurorum*, um exercício moral estoico, que consistia em se imaginar infelicidades eventuais antes que elas acontecessem. *Praemeditari* quer dizer etimologicamente: representar na mente infelicidades possíveis antes que elas aconteçam, de modo a confortar a alma para que esta não sofra quando elas realmente acontecerem. A *praemeditatio* surge nesta obra senequiana como um argumento retórico de consolação: a infelicidade que causa o sofrimento não pareceria tão grande aos que já a previam (Armisen-Marchetti, 1988, p.185-188). É por isso que Sêneca passa toda a parte inicial de sua obra relembrando as desgraças que já se abateram sobre a vida de Hélvia: a morte de sua mãe ainda criança, a perda de um tio querido, logo seguida pela morte do marido bem-amado. Para Sêneca, a perpétua infelicidade só tem isto de bom: endurece por fim os que incansa-

velmente persegue (Sêneca, II). Só faltava a Hélvia chorar os vivos (Sêneca, II), algo que estava fazendo com o exílio do filho.

Para os estoícos, dever-se-ia também se comprazer com as boas lembranças do passado, pois os prazeres são fugazes, mas as lembranças não se perdem com tanta facilidade (Armisen-Marchetti, 1988, p.190). Para tanto, Sêneca relembra Hélvia dos bons momentos que passaram juntos e das alegrias trazidas pelos outros familiares (Sêneca, XVIII). Mesmo que a ausência do filho lhe causasse uma dor profunda, esta dor seria fruto de um erro de julgamento, pois consistiria em tomar por um mal o que seria somente um indiferente. De acordo com os seguidores dos princípios estoícos, deve-se estabelecer distinções entre as coisas que existem no mundo: umas são os bens, como a reflexão, a justiça, a coragem, a sabedoria; outras são os males, como a irreflexão, a covardia, a injustiça; e outras, enfim, são indiferentes, porque não são nem úteis nem nocivas aos homens, como a vida, a morte, a dor, o prazer, a riqueza, a pobreza, a glória, a obscuridade, a vergonha, a força, entre outros. Tudo isto é considerado indiferente porque não serve nem prejudica por si mesmo; mas o homem pode servir-se dessas coisas para prejudicar ou para ser útil; elas podem trazer a felicidade ou a infelicidade segundo o uso que delas se fizer (Brun; 1986, p.77).

Na obra em questão, Sêneca comenta que não podia gozar de seus bens materiais de forma plena, mas exorta a mãe a gerenciar o seu patrimônio na sua ausência (Sêneca, XVII). Além disso, o exilado podia levar parentes consigo (Sêneca, XVI) e ser visitado pelos amigos, que quisessem revê-lo (Sêneca, IX). Não era, portanto, a solidão a pena do desterrado. E muito menos a pobreza.

Para Sêneca, a natureza fez com que os homens não precisassem de muitas coisas para viver (Sêneca, V), sendo os bens terrenos inclusive obstáculos aos verdadeiros bens por causa das opiniões falsas e mentirosas que se têm sobre sua real importância (Sêneca, IX), e acrescenta:

“Quanto mais compridos pórticos se constroem, quantos mais altas torres se levantam, quanto mais amplos caminhos se abrem, quanto mais profundas se escavam as grutas estivas, quanto mais monumentais se erguem os tetos das salas de jantar, tanto mais todas essas coisas nos esconderão o céu” (Sêneca, IX). “No que me diz respeito, tenho consciência de ter perdido preocupações não riquezas. (...) Por isso a pobreza não traz nenhum dano ao desterrado; porque lugar algum de exílio é tão pobre que não seja bastante fértil para alimentar um homem” (Sêneca, X).

O autor estudado ainda acrescenta que quem permanece contente entre os limites marcados pela natureza não conhece a pobreza, e quem sair destes limites é pobre mesmo entre as maiores riquezas. É a alma que torna ricos os homens e a alma segue-os no exílio (Sêneca, XI). E ainda diz mais:

“A corrupção de nosso tempo chegou a tal ponto, que o viático que se deixa hoje aos desterrados é maior do que aquilo que era uma vez o patrimônio dos ricos” (Sêneca, XII).

Além disso, sábio é o homem que vive em conformidade com esta natureza, e ela está em toda parte. O estóico se vê como cidadão não apenas da cidade que habita, mas do mundo. Sêneca relembra que o próprio Império Romano reconhece como fundador um exilado (Sêneca, VII), na figura de Enéias. A sorte nunca quis que nada ficasse sempre no mesmo lugar (Sêneca, VII). Deste modo, segundo Sêneca, o exílio é somente uma mudança de lugar, e todas as coisas celestes também estão sempre em movimento (Sêneca, VI), e é quando se percebe a grandeza dos astros que se pode situar em seu verdadeiro lugar as miseráveis ambições humanas (Aubenque; André, 1964, p.61). Como o mundo celeste, pelo qual nutre grande afinidade e simpatia, o mundo humano também está repleto de seres que mudam suas sedes pelos mais diferentes motivos:

“Há quem, fugindo das armas inimigas, foi expulso de sua terra e levado, despojado de tudo, para terra estrangeira, pela destruição de sua cidade; quem foi expulso pela guerra civil; quem foi mandado embora pela necessidade de diminuir a população demasiadamente abundante; quem foi obrigado a fugir por uma epidemia ou por freqüentes terremotos, ou por qualquer outra causa que tornava sua terra malsã e inabitável; outros foram seduzidos pela fama de uma região fértil, exageradamente famosa. (...) Eterno é o mudar do gênero humano. (...) Que mais são essas emigrações de povos senão públicos exílios?” (Sêneca, VII).

Mais adiante, Sêneca se pergunta: Que importa que solo eu pise? Pois para ele nada daquilo que está dentro dos confins do mundo é estranho ao Homem, já que por toda parte se encontra a mesma natureza e os exilados levam para onde forem as duas coisas mais belas para os estóicos: a natureza comum a todos e a virtude individual, bem guardada na alma cultivada (Sêneca, VIII). O exílio não pode ser temido por enredar o desconhecido, pois como afirma Sêneca:



“Não é uma desventura que tu estejas bem longe da pátria. Aprendeste de teus estudos pelos menos o suficiente para saber que para o sábio todo o lugar é pátria” (Sêneca, IX).

Numa outra obra, escrita neste mesmo momento de exílio, onde Sêneca soube aproveitar o afastamento dos negócios públicos para dignificar seu ócio, produzindo obras de caráter filosófico e político, ele reitera este ponto de vista. Em seu tratado “Sobre a Tranqüilidade da Alma” (De Tranquillitate Animi), ele coloca:

“Por isso, com grandeza de ânimo, nós nos temos encerrado nas muralhas de uma única cidade, mas nos temos lançado em comunicação com todo o orbe e temos professado ser o mundo a nossa pátria, para que nos fosse possível dar à virtude mais amplo campo de ação” (Sêneca, IV,4).

Lembre-mos ainda que foi este tipo de convicção que fez o estoicismo ser tão bem recebido pela aristocracia romana, pois estes princípios garantiam os argumentos para este grupo social, que defendia a implantação da *coemópolis*, da simpatia universal, da interação mútua de todos os corpos (Brun, 1986, p.88-89). O processo de transformação da República Romana numa *cosmópolis* abria um espaço social de discussões acerca do lugar do homem na sociedade.

No Principado, o estoicismo fornecia justificativas morais e inteligibilidade para a ação da Fortuna, no momento em que a opinião do Príncipe era suficiente para colocar e para retirar os homens de seus cargos públicos, de acordo com sua concepção pessoal de justiça e lealdade.

Para os que não puderam segui-lo no desterro, como sua mãe Hélvia, restava lidar com duas fortes dores: a dor da ausência e a dor da desonra e do desprezo público. Para combater a primeira, Sêneca estimula a mãe a desenvolver estudos liberais (Sêneca, XVII), pois os estóicos viam o conhecimento como o único bem capaz de liberar o homem das ilusões, dos medos e dos sofrimentos (Ozanam, 1990, p. 280), sendo esta uma conduta conveniente, e a também dirigir suas preocupações para seus outros familiares, como os outros filhos, netos, o pai ainda vivo e a irmã, viúva de um antigo governador do Egito (Sêneca, XVIII e XIX). Esta tia, é para Sêneca o ideal da mulher romana, que sua genitora deveria imitar: discreta, humilde, calma, possuidora de costumes modestos e amante da paz familiar (Sêneca, XIX). Estas virtudes femininas complementariam as virtudes masculinas estóicas, que o próprio Sêneca cita: a justiça, a moderação, a sabedoria, a piedade (Sêneca, IX). E nenhuma dor, de nenhuma natureza, poderia abalá-las.

A desonra e o desprezo públicos, por sua vez, dependem do olhar alheio. A alma humana não deveria se deixar abater por tal fato, visto que se os homens fossem suficientemente fortes contra uma só desgraça, o seriam igualmente contra todas. A razão não vence os vícios um por um, mas os abate todos contemporaneamente (Sêneca, XIII). No que concerne à moral estoíca, o insensato é aquele que se deixa dominar pela subjetividade dos eventos e das opiniões alheias (Aubenque; André, 1964, p.71). Desta forma, como enfatiza Sêneca:

“Ninguém pode ser desprezado por outrem, se não se desprezou antes a si mesmo. A esse tipo de desonra estão sujeitas as almas covardes e fracas; mas para o homem que se eleva acima e contra os mais cruéis golpes da sorte, e domina os males que oprimem os outros, as desventuras são como uma auréola. (...) O exílio não produz o desprezo: quando cai um grande (e continua grande mesmo no chão), ele não é desprezado mais do que quanto o sejam as ruínas dos templos, que os devotos adoram igualmente como se estivessem de pé” (Sêneca, XIII).

Não se deve ser menos feliz e virtuoso nas tormentas que nas delícias da vida. O próprio Sêneca afirma ao final da obra que a mãe deve pensar nele como um ser feliz e ativo, como se tudo estivesse bem (Sêneca, XX). O homem atarefado com as funções públicas acaba vivendo na espera de um futuro que foge sem cessar e deixa escapar o único tempo do qual realmente dispõe: o presente (Aubenque; André, 1964, p. 79). O exilado tem que encarar este tempo presente, lembrando que sua alma não pode ser exilada, pois é livre, e não possui limitações nem temporais nem espaciais, visto que é semelhante aos deuses, pois está presente em todo o espaço e é contemporânea a todo o tempo (Sêneca, XI). E ninguém conhece o seu destino. Para os estoícos, a curiosidade com relação ao futuro vem da fraqueza da alma humana (Ozanam, 1990, p.286). Nem Sêneca poderia prever que depois de oito anos seria chamado para ser o tutor do futuro imperador Nero, retornando à corte em alto estilo. O mesmo Sêneca que, na obra em questão, faz um comentário que anos mais tarde se aplicará à conduta de Agripina, durante o governo do filho, e que neste livro se refere a ações não empreendidas por Hélvia:

“(…) Querida mamãe não tens, pelo que me diz respeito, nenhum motivo para te consumir em pranto. (...) Conheço tua alma, e sei que ela ama somente seus entes queridos. Contudo, há mães que, com feminina incapacidade de controle, querem controlar os poderes dos filhos; há mães que, como as mulheres não podem exercer os cargos públicos, satisfazem a própria ambição por meio dos filhos, pondo-os a serviço dos outros” (Sêneca, XIV).

O melhor cidadão estóico é aquele que mescla a vida cívica com a contemplação intelectual. O exílio faz com que este perca a ação civil, mas não impede que o desterrado desenvolva seus trabalhos intelectuais. O próprio Sêneca manteve vasta correspondência com seus amigos de Roma e aproveitou o afastamento dos negócios imperiais para produzir obras, como esta que foi aqui brevemente analisada.

### ***Bibliografia***

- ALFOLDY, G. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- ARMISEN-MARCHETTI, M. "Imagination et Méditation chez Sénèque". *Revue des Études Latines*. Paris, 64: 185-195, 1988.
- AUBENQUE, P. & ANDRÉ, J-M. *Sénèque*. Paris: Seghers, 1964
- CHAUMARTIN, F-R. "Autour de Sénèque". *Revue des Études Latines*. Paris, 62:26-34,1985.
- GUARINELLO, N.L. Nero, "O Estoicismo e a Historiografia Romana". *Boletim do CPA*. Campinas, 1:53-61,1996.
- OZANAM, A-M. "Le Mystère et le Sacré dans le Stoïcisme Romain à L'Époque Néronieene". *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*. Paris, 3: 275-288, 1974.
- PRIETO, F. *El pensamiento Político de Seneca*. Madrid: Revista de Occidente, 1977.
- PUENTE OJEA, G. *Ideologia e Historia: El Fenómeno Estoico en la Sociedad Antigua*. Marid: Siglo XXI, 1974.
- SHERWIN-WHITE, A. N. *The Roman Citizenship*. Oxford: at the Claredon Press. 1993
- WALTZ, R. *Vie de Sénèque*. Paris: Perrin, 1909

### ***Documentação***

- SÊNECA. *Consolação a Minha Mãe Hélvia*. Tradução de G.D. Leoni. S.Paulo: Atena, 1995
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Tranquilidade da Alma; Sobre o Ócio*. Tradução de José R. Seabra Filho. S.Paulo: Nova Alexandria, 1994